

UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: APRENDIZADOS E DESAFIOS

Rafael Rossi¹

Aline Cristina Santana Rossi²

Resumo: O processo de alfabetização com pessoas adultas e idosas impõe uma série de desafios aos educadores e educadoras que pretendam ir além da palavra para problematizar com eles a vida e o próprio mundo. Assim, neste artigo apresentamos experiência desenvolvida no interior do Programa de Educação de Jovens e Adultos – PEJA – em Presidente Prudente – SP, no intuito de partilhar aprendizados e dificuldades que muito nos auxiliaram na construção de uma reflexão metodológica introdutória ao processo de alfabetização tendo como aporte teórico político e pedagógico a obra de Paulo Freire.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; PEJA; Alfabetização; Compromisso docente.

AN EXPERIENCE IN YOUTH AND ADULT EDUCATION: LEARNING AND CHALLENGES

Abstract: The literacy process with adults and elderly imposes a series of challenges to educators who wish to go beyond the word to discuss with them the life and the world itself. So in this article we present experience developed within the Youth and Adult Education Program - PEJA - in Presidente Prudente - SP, in order to share lessons learned and difficulties that much helped us in building an introductory methodological reflection to literacy with the political and pedagogical contribution of the Paulo Freire's thought.

Keywords: Education for Youth and Adults; PEJA; literacy; Teaching commitment.

Introdução

O presente trabalho visa refletir sobre a prática pedagógica de alfabetização com educandos adultos e idosos. A problematização e a síntese

¹ Docente no curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFMS em Campo Grande - MS. E-mail: rafaelrossi6789@hotmail.com

² UNESP/FCT de Presidente Prudente - SP. E-mail: line.csanatana@hotmail.com

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

apresentadas a seguir não devem ser compreendidas como “correntes” das quais o educador não pode se desvincular, mas como algo que deve ser adequado conforme seu contexto e superado de acordo com os desafios a serem enfrentados. Configura-se, portanto, num esforço de pensar a alfabetização com sujeitos que sofreram, e ainda sofrem altos níveis de exploração no trabalho e seus efeitos como a depressão, por exemplo. Trata-se, portanto, de partilharmos uma experiência de alfabetização com pessoas adultas e idosas que ocorreu no ano de 2013 e meados de 2014 em nossa participação junto ao Programa de Educação de Jovens e Adultos – PEJA – vinculado à Pró-reitora de Extensão da UNESP, FCT de Presidente Prudente – SP, junto às duas salas de aula que funcionam na Igreja Nossa Sra. do Perpétuo Socorro.

De modo geral, podemos pensar no desafio de práticas de alfabetização que coadunem com a necessária transformação da sociedade, para além das perversidades inerentes ao modo de produção capitalista. Este é um desafio tanto metodológico, quanto teórico e político, como nos lembram Haddad e Di Pierro³. Uma sala de EJA apresenta uma riqueza enorme de diversidade: de gênero, crenças, etnias, culturas, estilos de vida e, inclusive, de instrução formal. Alguns já estão alfabetizados e outros ainda não. Esse é um significativo desafio para o educador, o que nos faz pensar sobre como lidar com tamanha amplitude de manifestações diversas? Em nossas experiências particulares conseguimos melhores resultados utilizando e adaptando à realidade da sala de aula com que lidávamos, a utilização de palavras do cotidiano, a centralidade do diálogo na alfabetização e a reflexão com poesias, músicas e pinturas a respeito dos temas tratados, sempre levando em consideração a necessária socialização dos conhecimentos artísticos junto à valorização da cultura enquanto produção humana. Esse é um procedimento de valorização tanto do

³ HADDAD, Sérgio, DI PIERRO, Maria Clara. *Escolarização de jovens e adultos*. Revista Brasileira de Educação, n. 14, pp. p.108-130. 2000.

Uma experiência na Educação de Jovens e Adultos: aprendizados e desafios

| Rafael Rossi

| Aline Cristina Santana Rossi

saber popular presente em sala de aula junto ao contínuo processo de apropriação dos saberes filosóficos, artísticos e culturais comumente excluídos à classe trabalhadora. É neste sentido que precisamos lembrar:

Quando tratamos nos dias atuais da educação de pessoas jovens e adultas, estamos nos referindo a um conjunto variado de processos formais e informais de aprendizagem pelos quais as pessoas enriquecem seus conhecimentos, cultura e qualificações profissionais para satisfazer a necessidades individuais ou coletivas. Compreendida como chave para a conquista e garantia de outros direitos, a educação ao longo da vida tem por objetivos desenvolver a autonomia e o sentido de responsabilidade das pessoas e comunidades para enfrentar as rápidas transformações socioeconômicas e culturais por que passam o mundo atual, estimulando o convívio tolerante e a participação criativa e consciente dos cidadãos na construção e manutenção de sociedades democráticas e pacíficas⁴.

A metodologia e a técnica de alfabetização deve ser uma “camisa de força” ou uma “bola de chumbo” das quais não podemos nos soltar, ou deve propiciar as bases para juntos com os educandos possamos refletir em atividades pedagógicas de cunho emancipatório? Essa reflexão é importante, pois ajuda a explicitar aquilo que Paulo Freire nos falava: “criar a prática de pensar a nossa prática” e também a necessidade que ele mesmo apontava de reinventá-lo, porém sem “matar” a sua discussão política na consideração de uma sociedade em que ainda há classe trabalhadora e classe dominante.

O PEJA funciona com 4 bolsistas de extensão, graduandas em licenciaturas, um coordenador pedagógico voluntário doutorando em Educação e uma coordenadora geral docente da UNESP/FCT. Nossa metodologia de trabalho se dava em reuniões semanais de estudo de autores do materialismo histórico e dialético, planejamento das aulas,

⁴ DI PIERRO, Maria C. *Luta social e reconhecimento jurídico do Direito Humano dos jovens e adultos à educação*. Revista Educação, Santa Maria - RS, v. 33, n. 3, p. 395-410, 2008.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

compartilhamento de dúvidas e dificuldades e aulas em salas da referida igreja duas vezes por semana em período noturno.

Dessa forma, esperamos que este texto possa servir como um “balão” e que educadores e estudantes possam reinventá-lo, adaptando-o ao contexto com que lidam sem menosprezar as questões de classe e as desigualdades sociais presentes em sala de aula, como foco na questão dos adultos e idosos que frequentemente estão presentes nessa modalidade de ensino e que nos desafiam a partir de suas especificidades na criação de procedimentos metodológicos que captem os saberes populares, junto com a politização, isto é, a discussão política coletiva sobre as desigualdades sociais que a classe trabalhadora em seus distintos contextos enfrenta historicamente e na atualidade. A seguir sistematizamos nossa experiência de alfabetização do ano de 2013 nas salas do PEJA em Presidente Prudente – SP para após apresentar nossos considerações finais.

Conhecendo/Reconhecendo os educandos

A opção do educador por uma metodologia de alfabetização é uma opção política e pedagógica, pois como já nos ensinou Paulo Freire ao longo de sua obra, não existe neutralidade no processo educativo. Isto implica em pensar nossas ações a partir da realidade de luta e resistência dos educandos em EJA tentando uma transformação coletiva e conjunta. O educador enquanto coordenador da alfabetização, precisa estudar qual é a melhor maneira de desenvolver esse processo em sala de aula. Nesse aspecto também se encontra outra escolha igualmente relevante: pesquisar, avançar e ser radical, nunca reproduzir acriticamente nem ser sectário, pois:

O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em “círculos de segurança”, nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la. Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o

desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar⁵.

Trabalhar a partir da proposta freiriana e do materialismo histórico e dialético implica em um estudo da realidade dos educandos que deve ser constantemente instigada pelo educador, junto a outras problematizações mais abrangentes e com mais mediações. Os temas geradores e as palavras a serem utilizadas na alfabetização precisam estar “encharcadas” de significados e coerência com o contexto com que se lida. Durante o ano de 2012 trabalhamos no PEJA com o tema da “cultura popular” como aporte para problematizar o conceito de cultura e desmistificar ideias presentes em sala de aula como: “*quem sabe ler e escrever é mais inteligente do que nós*”, assim como a dicotômica perspectiva entre cultura erudita e cultura popular, como se uma excluísse necessariamente a outra. Contudo, não entendemos a cultura popular como sinônimo de senso comum. A cultura popular é uma produção humana por meio da atividade predominante do ser social – o trabalho – e que possui aspectos de luta, organização, sistematização e coletividade. Porém a cultura popular possui o desafio em se articular enquanto concepção ampla de cultura, avançando na discussão da generidade humana para além de perspectivas fragmentadas e isoladas. Desse modo o debate se pautou ao redor das seguintes perguntas:

Quais são as práticas culturais que os educandos manifestam? Que exemplos da cultura popular o seu bairro possui? Que exemplos de hábitos, valores ou estilos a mídia nos propagandeia e que não condizem com nosso modo de vida? Que prática da cultura popular havia antigamente e hoje se perdeu ou

⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 57ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p.37.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

enfraqueceu? O que é cultura? Porque vocês acham que isso aconteceu? (Educadora do PEJA).

Durante essa problematização reunimos informações sobre suas histórias de vida, dificuldades, preconceitos, crenças etc. com intuito de conhecê-los de modo mais profundo. Em nossos encontros semanais sistematizamos essas informações e no ano de 2013 trabalhamos o tema gerador: “Coletividade”. Essa escolha se deu, já que se trata de um tema passível de ser discutido nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática e Geografia (disciplinas que trabalhamos no PEJA) e também, por percebermos que todos os educandos em alguma fase de suas vidas diminuíram, em função de múltiplos e diversos fatores, a prática de serem solidários e atuarem coletivamente. Ressalte-se ainda, que estes educandos eram provenientes de espaços agrários e nos espaços urbanos houve uma sensível diminuição da perspectiva coletiva. Esse não fora, entretanto, um movimento aleatório, mas sim em articulação com a expulsão que o agronegócio impôs a milhares de famílias camponesas. Interessante notar que ao final do ano letivo muitos passaram a desempenhar ações de solidariedade que não possuíam como, por exemplo, estudar juntos durante a semana, passar na casa de um colega e convidá-lo para o PEJA, ir embora juntos ao final das aulas, trocar receitas etc. Dai a importância da solidariedade e da perspectiva coletiva, pois:

Não é possível um compromisso verdadeiro com a realidade, e com os homens concretos que nela e com ela estão, se desta realidade e destes homens se tem uma consciência ingênua. Não é possível um compromisso autêntico se, àquele que se julga comprometido, a realidade se apresenta como algo dado, estático e imutável. Se este olha e percebe a realidade enclausurada em departamentos estanques. Se não a vê e não a capta como uma totalidade, cujas partes se encontram em permanente interação. Daí sua ação não poder incidir sobre as partes isoladas, pensando que assim transforma a realidade, mas sobre a totalidade. É transformando a totalidade que se transformam as partes e não o contrário. No primeiro caso, sua ação, que estaria baseada numa visão ingênua, meramente

“focalista” de realidade, não poderia constituir um compromisso⁶.

Um objetivo muito importante com relação à necessária prática de conhecer constantemente o contexto e o grupo com o qual se trabalha na alfabetização é o de desmistificar. Desmistificar que somente o professor é o detentor do conhecimento, de que é errado perguntar ou de que o educando não deve falar. A meta geral é criar coletivamente as bases para que os saberes populares e culturais dos educandos possam ser coordenados pelo educador que irá auxiliar no processo de releitura do mundo e da realidade, em prol do fortalecimento dos vínculos coletivos, como procedimento necessário para que todos se sintam pertencentes àquela sala de aula e escola. Caso contrário não adianta se falar em evasão ou fracasso escolar, mas sim em *despertencimento*, pois quando o educando sai da EJA, ele o faz por não se sentir parte daquele ambiente, por perder a esperança de que a Educação tenha algum sentido na etapa atual de sua vida corroborando, infelizmente, para que o pensamento de que realmente “*quem sabe ler e escrever é mais inteligente do que nós*”. É preciso lembrar que: “Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual elas devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se “inserem” nela criticamente⁷.”

Precisamos ter cuidado para não confundir o compromisso a partir da dimensão política com um ativismo baseado na pura ação. A ação torna-se politizada quando é refletida e raciocinada coletivamente, a fim de se examinar uma dificuldade encontrada e elaborar alternativas para solucioná-la de modo consciente. O ativismo simplista apenas consegue os “óculos” que determinado educando precisava e nem aborda essa questão em sala de aula, implicando em uma “relação de favores”, como nos explica Freire.

⁶ FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 57ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p.54.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

Os educandos em EJA não se conformam com abstrações, segmentos da sociedade, grupos específicos etc. Uma característica geral, e que não pode ser esquecida, é a de que pertencem à classe trabalhadora, isto é, dispõem apenas da sua força de trabalho para se sustentarem e residem, comumente, em áreas alvo das políticas sociais, referenciadas pelos Centros de Referência da Assistência Social – CRAS. Não podemos esquecer ou minimizar essa constatação para não despolitizarmos a EJA, enquanto luta dos trabalhadores que foram excluídos da educação formal (e também de outros aspectos da vida) rumo a um processo educacional mais democrático e efetivo.

Na EJA a classe trabalhadora existe e frequenta nossas aulas, nos presenteando com bolos e frutas em um gesto de gratidão, mas não compõem uma classe realmente organizada e conscientemente raciocinada, como já nos alertava o pensamento contido em Marx: “De tempos em tempos os operários triunfam, mas é um triunfo efêmero. O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união cada vez mais ampla dos trabalhadores⁸”.

Uma característica comum nas salas de aula de EJA é a presença de idosos. Essa presença constitui-se em um grande desafio à atividade educativa do educador/a já que, em geral, os cursos de Pedagogia não apresentam formação apropriada para o trabalho com alfabetização de adultos e idosos. Marques e Pachane reconhecem esse desafio e comentam:

No cotidiano das salas de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a presença de idosos é bastante frequente. Porém, podemos nos questionar se a formação oferecida ao pedagogo é suficiente e adequada para trabalhar com as necessidades específicas desse grupo, que podemos considerar duplamente excluído: primeiramente, por se encontrar numa faixa etária na qual, de maneira geral, o indivíduo não é mais economicamente ativo e, por outro lado, no caso específico da EJA, por se tratar de um grupo composto por pessoas iletradas, ou que tiveram

⁸ MARX, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004, p. 47.

pouco contato com a escola, geralmente oriundas de estratos sociais menos privilegiados⁹.

Os sujeitos idosos não apresentam um grande potencial de participação na vida econômica de acordo com as exigências profissionais da sociedade capitalista, embora alguns ainda estejam inseridos em atividades informais de trabalho e com alto nível de exploração. São pessoas que sofreram ao longo de toda sua existência com as consequências, “cicatrizes” e marcas da exclusão social, e retomaram a educação formal nesta etapa da vida. Este é um fato que nem a escola, nem o educador/a, podem menosprezar ou tratar como natural.

A partir dos aspectos aqui expostos, observamos que é necessário compreender a velhice em sua totalidade, evidenciando aspectos biológicos e culturais, relacionados com a natureza humana, e através da história, em épocas distintas. Ou seja, um estudo sobre o aluno idoso, como nos propomos, precisa analisá-lo inserido em um contexto sócio-histórico, em um movimento de integração de relações políticas, econômicas, culturais, sociais e educacionais, muito além de suas capacidades físicas ou cognitivas¹⁰.

Este trecho apresenta a importância em se reconhecer e estudar a história de vida de cada educando/a idoso. Tarefa esta que não é exclusiva a grupos idosos, mas, sobretudo, com esta parte da população que partilhou de vivências extremamente ricas do ponto de vista histórico e que muito pode contribuir nos debates em sala de aula. Esta é uma estratégia para, por exemplo, estimular a participação nas discussões da alfabetização. Uma das educandas com quem trabalhamos apresentava grande resistência em mostrar sua opinião e partilhar das conversas nas aulas. Através da reconstituição de

⁹ MARQUES, Denise Travassos; PACHANE, Graziela Giusti. *Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA*. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.02, p.475-490, 2010.

¹⁰ MARQUES, Denise Travassos; PACHANE, Graziela Giusti. *Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA*. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.02, p.475-490, 2010.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

sua história de vida, aula a aula questionando-a de modo suave e tranquilo sobre algum aspecto de sua existência, ela demonstrou grande interesse em falar sobre o trabalho no campo e suas festas. A partir de então, optamos por sempre partir de algo relacionado a essa temática para que a educanda participasse e juntos pudéssemos avançar nos conteúdos de reconhecimento do alfabeto e das sílabas e também rumo à outras discussões tentando fortalecer seu sentimento de pertencimento.

Conhecendo/Reconhecendo o alfabeto

Em dias diferentes, alternamos a escrita do alfabeto na lousa. Em um dia escrevemos o alfabeto de A a Z, no outro de Z a A. Realizamos esta alternância todos os dias, exceto nas aulas de Matemática.

O alfabeto é escrito de forma pausada e bem pronunciada por educadores e educandos, evidenciando cada letra ali exposta com a atenção dos educandos sempre na lousa. É extremamente necessário que os educandos estejam atentos ao momento de transcrição do alfabeto para que percebam seu traçado. Feita esta dinâmica (com relação ao momento de transcrição) os educandos podem redigir o alfabeto da lousa em seus cadernos. Este é um momento em que o educador deve estar atento a fim de intervir no processo de escrita.

Uma vez escrito o alfabeto (com o educador sempre observando, intervindo e eventualmente mostrando o erro do traçado e ajudando a realizá-lo da melhor maneira possível sem constrangê-lo) podemos prosseguir para a 2ª parte do dia.

É interessante o educador sempre estar atrás do educando para fazer suas observações, pois em frente transmite uma ideia de imposição. Ao lado ou atrás do/a educando/a este momento fica mais “leve”, parece uma “conversa”, quebra-se o tom de hierarquia e distanciamento.

O idoso da EJA, portanto, tem sua história de vida marcada por diferentes situações de exclusão socialmente produzidas em uma sociedade desigual. O indivíduo é excluído não por ser diferente, mas por ser considerado não semelhante, uma pessoa à parte dos meios modernos de consumo. Com os efeitos da economia globalizada e da rápida mudança na era da informação, há uma aceleração e ampliação desse processo de exclusão social, pois as possibilidades de ação das camadas populares são limitadas¹¹.

Por isso é importante o educador criar o hábito de verificar sua postura em sala de aula a fim de não aumentar a intimidação a que foram submetidos os adultos e, em especial, as pessoas idosas. O educador que mostra que também não sabe tudo e que valoriza a cultura popular dos idosos, desperta ou contribui, para que estes sujeitos não se sintam à margem do processo de alfabetização e também para discussões mais amplas sobre a própria ideia de cultura e assim para contribuir com o processo de que¹²: “Podemos dizer que cada indivíduo *aprende* a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana¹³”. De modo geral é comum focar atenção nos educandos que apresentam desenvolvimento mais rápido das técnicas e conteúdos, entretanto, o olhar pedagógico também precisa considerar aqueles que estão em nível de desenvolvimento diferente. Não basta perguntar: “Todos entenderam?” e se conformar com os sorrisos tímidos e o balançar de cabeças em sinal de sim dos educandos. É preciso perceber o registro no caderno, a frequência às aulas, a participação nos debates, na troca de aflições do dia-a-dia, na criação de práticas solidárias que não haviam criado até então, o resgate de práticas

¹¹ MARQUES, Denise Travassos; PACHANE, Graziela Giusti. *Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA*. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.02, p.475-490, 2010. . 487.

¹² LEONTIEV, Alexis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978.

¹³ LEONTIEV, Alexis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978, p. 265.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

culturais, enfim, é no complexo e múltiplo rol de práticas e manifestações individuais e coletivas que o educador/a pode avaliar sua intervenção e didática.

Partilhando vivências

A partir de um tema gerador, que norteia os encontros, adotamos subtemas para serem discutidos nesta parte da aula. Ao explicarmos este subtema que é uma palavra, iniciamos a conversa que irá gerar a nossa “palavra gênese”, ou seja, a nossa palavra origem deste encontro de alfabetização.

Exemplo: Tema Gerador=Solidariedade/Coletividade - Subtema= Infância

Nesta parte de nossos encontros utilizamos para iniciar a conversa algum material relacionado com o subtema. Desta vez utilizamos uma música que elas gostavam bastante: “Ave Maria da Minha Infância” do Padre Zezinho. Ouvimos, conversamos sobre a música e ao perguntarmos sobre a infância de cada um, os educandos falaram várias palavras. Também utilizamos a música “Nos Bailes da Vida” de Milton Nascimento. Neste caso, algumas delas irão se repetir e apresentam alto nível de riqueza fonética, sintática e significativa. Então, cabe ao educador/a selecionar cuidadosamente a palavra gênese, atentando para graus de dificuldade. Quando discutimos a infância dos educandos articulando com o tema “solidariedade” e a música, uma boa palavra que surgiu fora: “VIDA”.

O processo de exclusão da escola deixa os alunos em situação de desconforto devido a aspectos de natureza afetiva podendo, também, influenciar na aprendizagem. Os alunos geralmente têm vergonha de frequentar a escola depois de adultos. Pensam que serão os únicos em classes de crianças e, por isso, sentem-se humilhados. Muitos têm insegurança quanto à sua própria

capacidade para aprender por conta da idade e sentem-se derrotados pelo estigma que carregam¹⁴.

Esta etapa de partilhar vivências é momento fundamental para o início ou “aquecimento” da prática de alfabetização com adultos e idosos. Muitos irão despertar rápido interesse e começarão a relembrar fatos, acontecimentos, “causos” etc., porém alguns irão chorar, outros silenciarão. Novamente a sensibilidade do educador precisa estar atenta a cada uma dessas expressões para que quando for planejar suas aulas possa saber quais temas e assuntos estimulam cada educando e quais os intimidam. Em outras palavras: “não há roleta russa na alfabetização!”, isto é, não podemos selecionar aula a aula temas que consideramos interessantes e verificar quais são as reações, num espontaneísmo sem rumo e orientação. As histórias de vida e o (re) conhecimento permanente de determinado grupo serve, dentre outros fins, para registrar o encadeamento dos debates e os elementos mais polêmicos que ajudam na prática pedagógica com o objetivo de se fortalecer o pertencimento e efetivar o processo de alfabetização.

Em vários momentos, por exemplo, o preconceito irá aparecer em alguma fala e o educador não pode se fechar a esse fato, devemos desmistificá-lo com informações racionais e paciência didática todos os dias. Em uma aula um educando nos abordou com a seguinte fala: “Antigamente era melhor viver no campo, não tinha esse bando de vagabundo pra invadir as terra dos outro, hoje a conversa é outra...” Esse caso, explicita a importância em escutar e dialogar com os educandos: “Se não sei escutar os educandos e não me exponho a palavra deles, termino discursando “para” eles. Falar e discursar

¹⁴ MARQUES, Denise Travassos; PACHANE, Graziela Giusti. *Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA*. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.02, p.475-490, 2010. P. 483.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

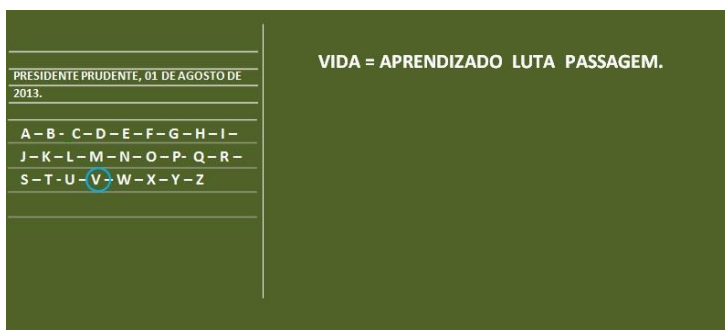
“para” termina sempre em falar “sobre”, que necessariamente significa “contra¹⁵”.

Nossa atitude foi a de explicar sobre os conflitos da questão agrária, os embates entre o modelo agrário hegemônico do agronegócio e a agricultura camponesa. Explicamos a ocupação enquanto direito de manifestação da classe trabalhadora; abordamos a ideologia dominante na defesa dos interesses do agronegócio, enfim, percebemos que o tema “campo” estava presente na maioria das histórias de vida dos educandos e os motivava a participarem e, durante um semestre letivo trabalhamos com essa questão utilizando vários tipos de música, documentários, poesias e vivências. Terminada a escolha da palavra gênese, seguimos para o trabalho propriamente com a palavra.

Trabalhando com a Palavra Gênese

Tendo como exemplo a palavra “Vida”, em sala de aula buscaremos verificar qual o significado de vida para os educandos, sempre perguntando: “D. Fulana qual significado da vida pra Sra.?” E iremos anotar na lousa algumas palavras que mais apareceram e se repetem nas falas, como exemplificado na figura 1:

Fig.1 – Trabalhando com a Palavra Gênese



Elaboração dos autores.

¹⁵ FREIRE, Paulo. *Virtudes do Educador*. Instituto Paulo Freire, 1985. Disponível em: <<http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/1475>> Último acesso: mar. 2015, p. 06.

É importante perceber que nessa etapa as opiniões, frustrações, anseios, sonhos, lutas e conquistas irão aparecer nas falas dos educandos. Desse modo, o educador não deve menosprezar ou “passar batido” perante essas questões. É nesse ponto que também a perspectiva freiriana nos ajuda a compreender a dialogicidade da educação, já que a atitude dialógica em Educação parte de um pressuposto que ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo, isto é, os homens e mulheres se juntam para saber e desvendar, por isso, a busca ontológica da qual nos falava Freire em “ser-mais”.

Após esta etapa de problematização e diálogo coletivo, teremos na lousa uma síntese do entendimento de vida para os educandos. Depois que os educandos manifestarem suas opiniões e concepções é interessante o educador/a também se manifestar e apresentar a sua compreensão para que este momento seja realmente participativo e inclusivo para todos. No entanto, é importante que o educador/a manifeste sua própria opinião somente após os educandos, caso contrário ele poderá influenciar as falas deles. Aí reside a importância em se apreender a politicidade da prática educativa, já que: “A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização¹⁶”.

Entre uma palavra e outra que está na lousa é interessante que o educador utilize sempre um giz colorido para destacar e facilitar a percepção dos espaços entre as palavras. Para isso deve utilizar uma mesma cor para a realização desta comunicação, a fim de não causar confusão. Esse procedimento é necessário em alguns casos, para que os espaços entre as

¹⁶ FREIRE, P. Educação de Adultos – Algumas reflexões. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (orgs). *Educação de Jovens e Adultos – Teoria, prática e proposta*. São Paulo: Ed. Cortez, 2001, p. 16.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

palavras sejam mais facilmente percebidos, inclusive, a apreensão do início e fim de cada palavra presente na lousa. Tendo o significado da palavra já esclarecido na lousa e nos debates, os educandos deverão redigir esta frase no caderno, enquanto síntese construída de modo coletivo. Por isso, a frase deve ser curta e com significados construídos socialmente em sala de aula.

Organização e compreensão

Neste momento, o educador/a irá apagar da lousa os significados da palavra gênese e se dedicar somente a ela agora. O educador/a irá perguntar qual é a primeira letra da palavra gênese e circular no alfabeto, neste caso, a letra “V”. Em seguida ele irá preparar a etapa de silabação colocando a letra “V” em destaque e as vogais “o, e, i, u, a” sempre em ordem alternada para que os educandos não decorem simplesmente uma sequência. Este também é o momento de apreensão de quantas sílabas a palavra gênese apresenta. De modo que na lousa estejam presentes:

Fig. 2 – Organização e Compreensão



Elaboração dos autores.

Iremos juntar a letra “V” com as vogais para formar as “sílabas mães”. Neste momento é muito importante que o educando/a compreenda o som de cada letra já no alfabeto (passo 1), para que agora nós possamos tentar a junção

dos sons. Estamos nos referindo ao som das letras e não à sua pronúncia. Esta etapa fonética é muito importante para o educando/a perceber as letras e vocalizarem as sílabas mãe, conforme presente na figura 2. No caso aqui exemplificado as sílabas mães são: “vu, va, vi, vo, ve”.

Perceber o som de cada letra e articular isso com materiais artísticos de apoio (poesias, músicas e pinturas) é estimulante em sala de aula, já que tanto o educador/a percebe os impactos de sua ação educativa, quanto os educandos apreendem a lógica e a diferenciação de letras. Esta etapa desperta entusiasmo e alegria na medida em que uns ajudam os outros a se dedicarem e permanecerem frequentando a sala de aula.

Não se trata de trabalhar somente a sílaba pela sílaba ou o alfabeto puramente decorativo. A preparação que estamos propondo no processo de alfabetização de adultos e idosos é uma nova maneira de valorização do som das letras numa discussão política e de vivência mais ampla que conduz a atividade pedagógica na interação educador e educando. Por isso, temos a consciência de que se trata de um “aquecimento” inicial sempre levando em consideração a relação entre saber popular e conhecimento científico tão necessários ao trabalho educativo. É preciso lembrar que no processo de alfabetização todo o processo é importante, isto é, é importante alfabetizar os educandos coletivamente e também fomentar discussões culturais que promovam a socialização dos saberes, pois: “[...] a função política da educação se concretizaria não só no ato (em si mesmo) de socializar o saber mas também, e principalmente, durante todo o processo de produzir este ato¹⁷”.

¹⁷ OLIVEIRA, Betty A.; DUARTE, Newton. *Socialização do Saber Escolar*. São Paulo: Cortez, 1987, p. 37.

Materialização da visão de mundo

Neste momento pedimos aos educandos para falarem palavras que comecem com a primeira sílaba mãe (“vi”) e por meio de instigações eles apresentam uma série de palavras. Realizamos isso com todas as “sílabas mães” escrevendo as palavras surgidas abaixo de sua respectiva “sílaba mãe”. Caso estejam com alguma resistência, durante o momento de reflexão que fazem para lembrar-se destas palavras, cabe ao educador/a ir pronunciando enfatizando o som da “silaba mãe”, isso os auxilia neste processo de relembrar as palavras.

Conforme os educandos irão lembrando-se de modo alternado, escreva-as na lousa. Caso apresentem alguma dificuldade, indague os educandos, forneça pistas, mas não dificulte o aprendizado. Em um primeiro momento pode ser frustrante, porém logo eles perceberão os sons e as sílabas e se aderem ao método. É importante que todos participem e se esforcem nesse exercício.

É relevante lembrar que o processo educacional é complexo e está sempre em movimento, instigando inquietações, críticas e reformulações de ideias e paradigmas, já que a partir das múltiplas dimensões sociais que interferem nessa dinâmica variarem em um complexo de situações que se modificam e guardam especificidades de contexto para contexto. O trabalho e a pesquisa em Educação pressupõem uma inter-relação com os vários fenômenos que interferem na vida dos diversos sujeitos que compõem a EJA.

Muitos educandos idosos possuem situações de trabalho análogas ao trabalho escravo ainda em 2013. Assim, enquanto educadores, não podemos nos fechar em uma postura hermética às variáveis que perpassam suas condições de vida. Nem mesmo é possível acreditar que o conceito de luta de classes desapareceu ou não condiz mais com a atual realidade. A escola possui o potencial para se configurar como “porta de entrada” para a articulação que

Uma experiência na Educação de Jovens e Adultos: aprendizados e desafios

| Rafael Rossi

| Aline Cristina Santana Rossi

permita a garantia dos direitos, já que de acordo com o contido no Estatuto do Idoso¹⁸:

Art. 3.º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

O educador precisa sempre ter à disposição 5 cores de giz de lousa. Circulamos, por exemplo, a sílaba mãe “vi” com a cor azul e convidamos um educando para vir à lousa circular as palavras que começam com essa sílaba. Repetimos essa atividade para cada sílaba mãe, com cores diferentes, conforme mostra a figura 3.

Fig. 3 – Sílabas mães



Elaboração dos autores.

Neste momento os educandos irão circular somente a sílaba mãe de cada palavra, porém cabe ao educador/a apresentá-los ao restante da palavra para que se atentem na sua continuação também.

¹⁸ Brasil, Ministério da Saúde. *Estatuto do Idoso*. 1ª Ed. 2003. Disponível em: <http://www.sesa.pr.gov.br/arquivos/File/pagina_saude_do_idoso/estatuto_do_idoso.pdf> Último acesso: Nov. 2013

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

Esta etapa é muito convidativa à participação dos educandos que apresentam, em geral, interesse em ir à lousa e registrar as sílabas. É um momento de muito orgulho saber diferenciar as letras e compreender suas junções.

Este é um momento muito importante da alfabetização. O educador/a precisa estar atento ao registro de cada sílaba mãe, com suas respectivas cores no caderno. Os educandos irão escrever a 1ª sílaba mãe e abaixo desta, registrar todas as palavras que se iniciam com esta sílaba. Esta etapa deve ser repetida para todas as sílabas mãe, no entanto, é necessário que todos caminhem juntos. Desta forma, copia-se primeiro uma sílaba mãe e suas palavras embaixo, esperando que todos terminem a primeira sílaba mãe, apaguem as palavras já transcritas para o caderno, de modo que, juntos, passem para a transcrição da próxima. Fazemos desta forma, a fim de que ninguém fique “atrasado/a”, conseguindo assim, verificar a escrita em todos os cadernos, como representado na figura 4.

O registro no caderno requer atenção para que tanto o educador/a consiga ser didático ao expressar sua opinião, quanto o educando/a possa se sentir seguro em perguntar ou perceber algo que precisa ser refeito. É nesse aspecto que precisamos resgatar professores da rede pública, gestores, estudantes de graduação e pós, professores universitários e educandos, uma *análise que se baseia na prática e na reflexão teórica*. Não podemos fragmentar nossas ações em estudos individualizados e estágios de docência discutidos separadamente. É na comunhão de tais momentos que aprendemos a requalificar nosso olhar de pesquisadores, para não incorrerem no risco de uma idealização da EJA descontextualizada da realidade produzida enquanto luta e resistência. Esse *aspecto de pesquisa* tem se mostrado um dos desafios de entendimento em EJA, a fim de que esta não se torne algo presente somente nos documentos oficiais. Apesar do imenso caminho a ser percorrido e construído, a problematização dessa necessidade precisa alcançar contextos

Uma experiência na Educação de Jovens e Adultos: aprendizados e desafios

| Rafael Rossi

| Aline Cristina Santana Rossi

para além da escola, ocupando espaços de discussão política e defendendo o sentido social da investigação científica em Educação.

Somente através de um esforço teoricamente refletido, empiricamente embasado, humanamente coletivo e humildemente aberto poderemos construir uma denúncia que seja capaz de ir no sentido da promoção de um processo educativamente anunciativo, explicitando a politicidade do ato educativo, rumo à concretização do artigo 21 do Estatuto do Idoso: “Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”.

Fig.4 – Registro no Caderno

PRESIDENTE PRUDENTE. 01 DE AGOSTO DE 2013.		
VIDA = APRENDIZADO; LUTA; PASSAGEM.		
VU	VA	VI
VULTO	VALE	VIOLÃO
	VASSOURA	VIVER
	VACA	VIDA
	VALÉRIA.	VISTA
		VISITA
VO	VE	
VOVÔ	VELÓRIO	
VOTO	VESTIDO	
VOCE	VELA	

Elaboração dos autores.

A partir da experiência aqui tratada podemos apontar algumas considerações/observações sobre os desafios e aprendizados vivenciados coletivamente: **1)** O educador precisa auxiliar o educando/a organizar o

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

caderno, por isso, aconselha-se sempre a utilizar uma folha nova para cada palavra gênese; **2)** O educador deve sempre tomar cuidado com sua postura para não intimidar o processo de alfabetização nos educandos. Assim, ele deve sempre estar ao lado deles e nunca à frente, para não passar a impressão de adotar uma postura autoritária. O educador é um coordenador desse processo e não “dono” ou “carrasco”; **3)** As cores utilizadas na lousa devem exprimir um padrão e facilitar a comunicação visual do processo de aprendizagem na alfabetização e não se resumirem a mero “arco-íris” sem conteúdo pedagógico; **4)** O uso da régua também ajuda muito na organização do caderno e estimula a coordenação motora fina dos educandos, principalmente no caso de idosos, auxiliando-os no aprimoramento do traçado das letras inclusive. Mais uma vez o educador deve intervir e coordenar essa prática. **5)** O educador deve desmistificar o uso da borracha. Muitos educandos associam o ato de apagar algo do caderno como sendo relacionado à “burrice”. Neste ponto e em todo processo o educador desmistifica esse uso apontando como algo necessário em alguns momentos. Thomas Alva Edison, por exemplo, executou mais de 6 mil tentativas antes de chegar ao filamento perfeito para a invenção da lâmpada incandescente; **6)** Todos os procedimentos não precisam ser executados somente em uma aula; **7)** Explique sempre o porquê das escolhas das palavras, para que estas realmente tenham significado, já que ninguém irá aprender se os conteúdos da alfabetização não forem significativos para os educandos e nem contextualizados ao seu universo de luta e resistência; **8)** Partilhe sua opinião e os conhecimentos científicos no processo de alfabetização, socialize os saberes acumulados pela humanidade em sala de aula; **9)** As dúvidas com sons e troca de letras, por exemplo: o educador/a pediu palavras que se iniciam com a sílaba “vo” e os educandos citaram palavras com “bo”; devem ser corrigidas pelo educador/a através do som de cada letra, porém sempre terminando a explicação na lousa apontando a grafia correta junto à uma discussão significativa em aula que pode ser enriquecida com diversos e

múltiplos materiais audiovisuais. Certa vez uma educanda perguntou se a palavra cinema se escrevia “sinema”.

Nós conversamos um pouco sobre o contexto daquela pergunta e anotamos na lousa o modo correto “cinema”. Sempre tomando o cuidado para não constranger e intimidar, corroborando na “cultura do silêncio” discutida por Paulo Freire, pois: “Uma das tarefas mais importantes, por isso mesmo, a ser assumida pelos intelectuais progressistas é desmistificar ou desmitologizar discursos pós-modernos que falam da inexorabilidade do que ocorre como se o que ocorre fosse o que teria de ocorrer. Isso é imobilização da história que veementemente recuso¹⁹”.

Vale sempre lembrar que o processo de alfabetização implica a consideração da técnica e da metodologia, ao mesmo tempo, que implica a necessária problematização da realidade em suas contradições e processos históricos. Essa é uma tarefa de cunho coletivo, organizado e intencional que preza igualmente pela socialização do saber elaborado e acumulado pela humanidade e, também, a socialização do saber popular – que não são o mesmo que senso comum - construídos nas várias organizações dos grupos de trabalhadores com que se está trabalhando, tanto em seu aspecto de luta e resistência, quanto em seu aspecto de criação cultural.

Considerações Finais

Este texto teve como fundamento o fato dos educandos em sua maioria serem idosos e com fortes tendências depressivas, por isso, necessitamos de um “aquecimento”. No entanto, o estudo da perspectiva freiriana em Educação sempre foi fonte de rica influência para nosso trabalho pedagógico com

¹⁹ FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 36.

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGENS

implicações para a formação dos estudantes de licenciaturas que participaram como educadores/as do PEJÁ que em muito explicitam a necessidade do engajamento no trabalho docente.

Envelhecer é um processo extremamente complexo (biológico, psicológico e social) e pouco conhecido entre os que o vivenciam, bem como para a sociedade de maneira geral. Sabemos que nessa fase da vida o corpo é mais frágil, requerendo mais cuidados, mas isso não anula a participação da pessoa na sociedade²⁰.

Por fim, é extremamente importante reafirmar que o conhecimento contínuo do grupo de idosos e adultos com que se está trabalhando na alfabetização é atitude necessária para o educador/a e a escola que se preocupa com a frequência e a permanência dos educandos na sala de aula. As salas de aula com que trabalhamos estão localizadas em uma Igreja Católica, uma no térreo e a outra no piso superior. Para ter acesso ao piso superior, necessitamos passar por uma escada e como vários educandos apresentavam dores nas costas e nos joelhos, conversamos com todos e todas e decidimos coletivamente que os adultos ficariam com a sala no andar de cima e os idosos com a sala do térreo. Desse modo instigamos a todo instante a tomada de decisões em conjunto e a solidariedade com as limitações e os tempos de desenvolvimento alheios e diferentes.

As contribuições do estudo da obra de Paulo Freire e do materialismo histórico e dialético extrapolam em muitos casos a técnica em si da alfabetização, mas nos explicitam a importância cultural, histórica e política da Educação em sentido amplo e enquanto mediação dentro de uma sociabilidade histórica. Considerar a educação formal e a EJA enquanto caminhos para a qualificação e inserção rápida no mercado de trabalho é restringir significativamente o potencial criativo e formativo do trabalho pedagógico.

²⁰ MARQUES, Denise Travassos; PACHANE, Graziela Giusti. *Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA*. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.02, p.475-490, 2010, p. 478.

Uma experiência na Educação de Jovens e Adultos: aprendizados e desafios

| Rafael Rossi

| Aline Cristina Santana Rossi

Paulo Freire e o referencial marxista devem ser levados em consideração em todas as modalidades de ensino, rumo à reflexão e transformação de uma ordem societária vigente marcada ainda pela luta de classes e pela exploração do homem pelo homem e, desta maneira, que possamos sempre lembrar: “A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles²¹”.

Recebido em 16.03.2015

Aprovado em 11.05.2015

²¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 57ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p.73.